

Departamento de Linguística  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
Universidade de São Paulo

Curso: Graduação – Linguística  
Disciplina: FFL 0443 – Linguística Histórica I  
Docente: Thomas Daniel Finbow  
Período: 2º Semestre (01/08-07/12/ 2011)

## Aula 06

### A mudança sintática

#### EXERCÍCIOS

- (1) Muitas línguas polinésias são ergativas, mas, como você verá abaixo, algumas delas não exibem ergatividade.

A maioria das línguas polinésias exibem um determinado sufixo verbal que é reconstruído na protolíngua como descendente da sequência fonológica \*/-Cia/<sup>1</sup>. O uso desse sufixo varia entre as várias línguas que constituem a família polinésia.

Abaixo, apresentem-se uma série de resumos breves de várias línguas polinésias (dados tomados de Sandra CHUNG (1978). *Case Marking and Grammatical Relations in Polynesian*. Austin: University of Texas Press, cit., R. L. Trask (1996), *Historical Linguistics*. Arnold: London & New York: OUP, pp. 159-160).

Examine estes dados abaixo e proponha uma história plausível para explicar o desenvolvimento da sintaxe polinésia. Qual das línguas representa a fase inicial? Quais elementos sintáticos foram reinterpretados para criar contextos propícios ao surgimento de uma marcação ergativa?

NB A abreviação “PROP” indica a presença de uma espécie de determinativo que é utilizado diante de nomes próprios em algumas línguas polinésias (como o artigo definido em português).

- (a) O tongano é uma língua ergativa que apresenta um marcador do caso ergativo 'e (/ʔe/). O sufixo que desce de \*/-Cia/ aparece nos verbos apenas em circunstâncias muito restritas e um pouco idiossincráticas – por exemplo, esse sufixo serve para indicar que o agente é não-humano, não-específico ou até para indicar que o agente da ação é ausente:

---

<sup>1</sup> Ou seja, - Consoante + /ia/.

*Na'e fafangu kinautolu 'e Sione. (\*-Cia impossível)*

PASSADO\_acordar eles ERG\_João

“O João os acordou”.

*Ne'e fangu-na au 'e he nanamu 'o e kakalá.*

PASSADO\_acordar\_\*Cia me ERG\_o cheiro da flor.

“O cheiro da flor me acordou”.

- (b) O niueano não é ergativo. A ocorrência do sufixo *\*-Cia* está restrita severamente. O uso mais freqüente desse sufixo é para converter um verbo transitivo em seu par intransitivo; o sujeito de um tal verbo derivado corresponde ao complemento direto do verbo transitivo original:

*Ka e ponoti-a e hala i a Manā.*

Mas PASSADO\_fechar\_\*Cia a estrada por\_causa\_de\_PROP\_Mana.

“A estrada se fechou pelo Mana”.

- (c) O samoano é ergativo e exhibe *e* como o marcador do caso ergativo. O sufixo descendente de *\*-Cia* pode aparecer ou não facultativamente em qualquer verbo transitivo, com pouquíssimo efeito na semântica do verbo:

*Sā su'e a'u e le fānau a Fo'isia.*

PASSADO\_procurar me ERG\_os filhos de Fo'isia.

“Os filhos de Fo'isia me procuravam”.

*Sā su'e-ina a'u e le fānau a Fo'isia.*

PASSADO\_procurar\_\*Cia me ERG\_os filhos de Fo'isia.

“Os filhos de Fo'isia me procuravam”.

Com freqüência no samoano, o sufixo *< \*-Cia* serve para marcar a ausência, ou a distância de um agente:

*'Ua pa'i-a lona mata.*

PERF.\_tocar\_Cia seu olho.

“Seu olho foi tocado (acidentalmente por alguém)”.

- (d) O maori não é ergativo:

*Ka whana te hōiho i a Hōne.*

PASSADO\_chutar o cavalo ACUS\_PROP\_João

“O cavalo deu um chute no João”.

O maori exibe uma voz passiva totalmente produtiva em que o verbo está sufixado com o marcador \*-*Cia* e o agente passivo está marcado com *e*:

*Ka whana-a*                      *a Hōne*                      *e te hōiho.*

PASSADO\_chutar\_*Cia*              PROP\_João      por o cavalo.

“O João foi chutado pelo cavalo”

No maori, a voz passiva ocorre com muito mais frequência do que a voz ativa e, nalgumas circunstâncias é obrigatória o uso da passiva.

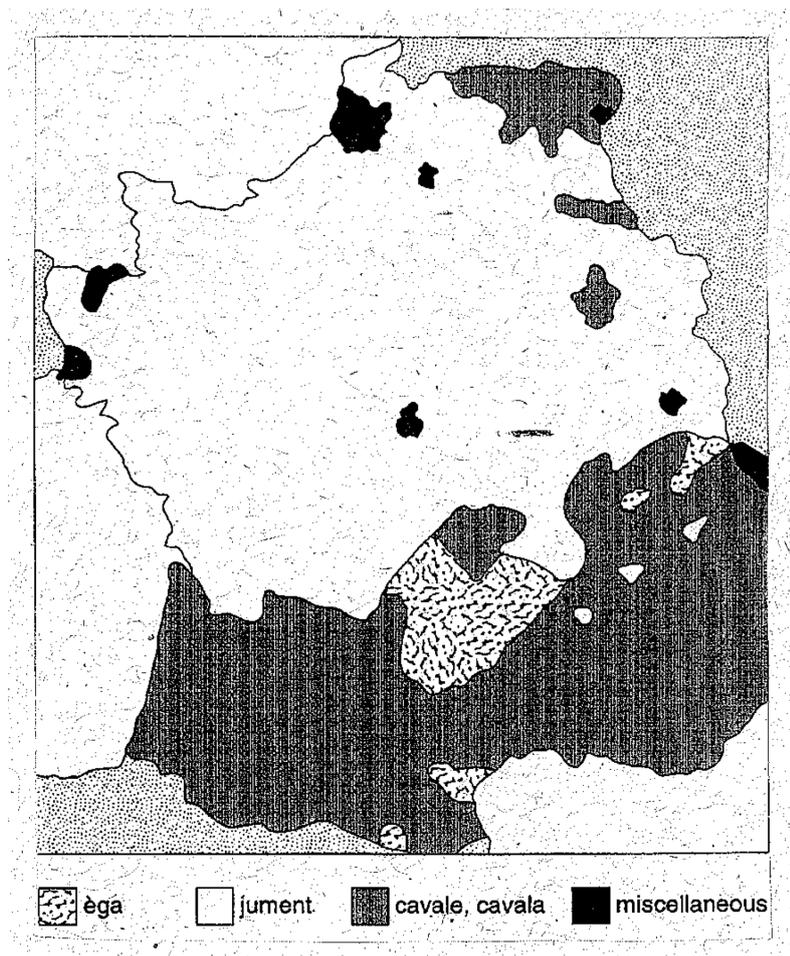
## Lista avaliada 7 - Mudança variacionista

- (2.1) O mapa abaixo foi adaptado do manual do célebre linguísta e dialetólogo francês Albert Dauzat (*La géographie linguistique*, Paris: Flammarion, 1922). Este mapa apresenta a extensão geográfica de várias palavras regionais que significam “égua” na França, registradas no período da virada do séc. XIX ao séc. XX. (N.B. as áreas marcadas como sendo “*Miscellaneous*” indicam que existem várias formas para significar “égua”, tanto de origem latina quanto de origem não latina).

Estude o mapa e compare-o com outro da região francófona em que estejam indicadas os acidentes topográficos, tais como as serras, os rios e a localização das principais cidades regionais. Explique brevemente como a topografia da região pode ter influenciado a distribuição das formas linguísticas no mapa dialetal.

Na sua resposta, responda às seguintes questões:

- Quais das palavras são mais antigas e quais são mais recentes?
- Quais das formas parece estar se expandindo e às custas de quais outras formas?
- Como você explica as *descontinuidades* observáveis na distribuição de algumas das palavras?
- Nas sua opinião, qual das formas é a da língua padrão e quais fatores sociais e políticos podem estar em jogo, além das questões geográficas?



(2.2) Como às vezes se vê demonstrado em diagramas de ondas, uma mudança pode atravessar as fronteiras entre variedades linguísticas distintas que já se divergiram de forma significativa. De fato, é possível que uma mudança seja transferida através das divisórias entre línguas que estão aparentados apenas de maneira bastante remota ou mesmo sem relação genética alguma.

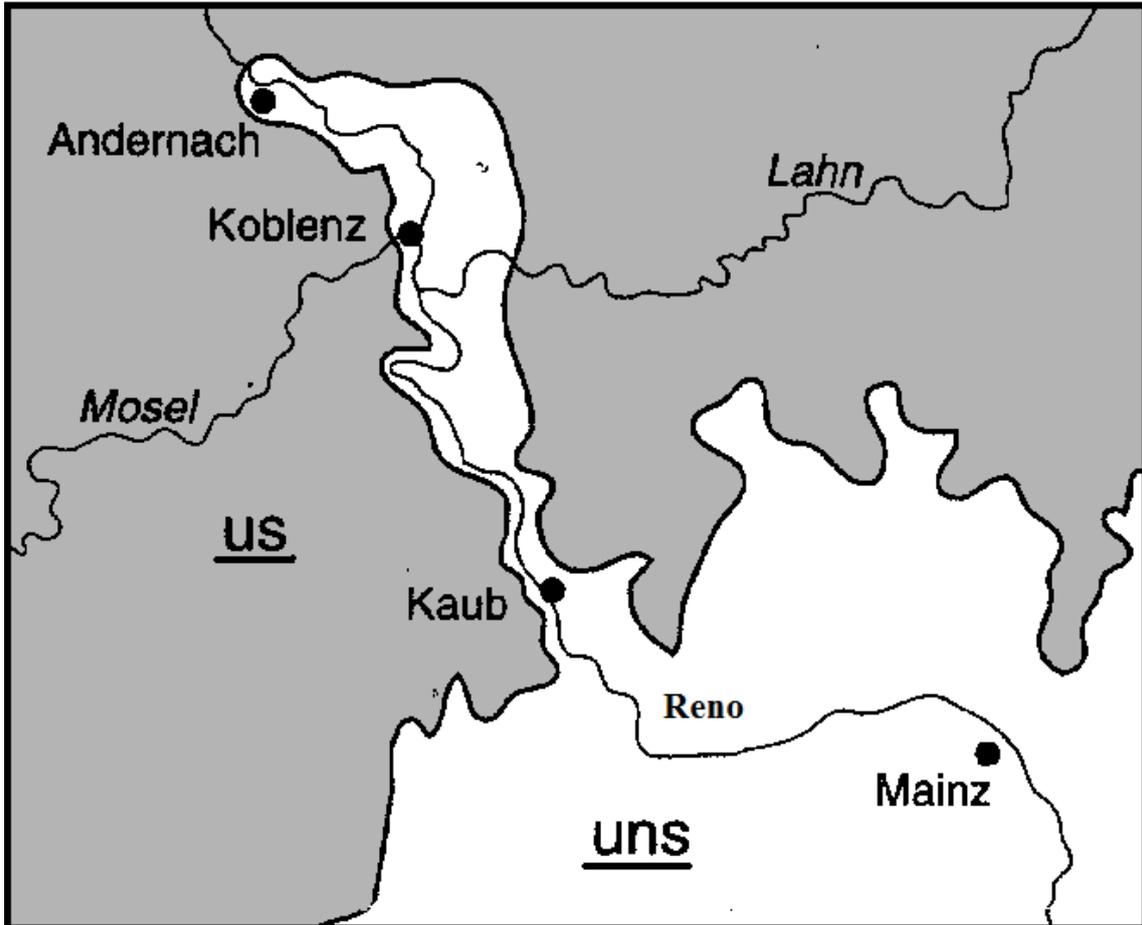
Um caso bem conhecido deste fenômeno é a expansão do /r/ uvular ([ʀ]). Há três séculos, todas as línguas da Europa Ocidental exibiam algum tipo de rótico coronal, entretanto, atualmente um rótico uvular se apresenta em muitas variedades de oito línguas: o basco, o francês, o italiano, o alemão, o holandês, o dinamarquês, o norueguês e o sueco. O mapa abaixo mostra a distribuição aproximada do /r/ uvular hoje (ainda está se difundindo pela área).

Examine o mapa abaixo e procure explicar a constante expansão histórica do /r/ uvular na Europa. Além dos conceitos associados com a propagação de mudanças linguísticas, lembre-se de o que foi dito na segunda aula sobre o papel do prestígio na mudança léxica e semântica entre línguas diferentes; considere especialmente o poder político e cultural na Europa Ocidental durante os séculos XVIII e XIX e observe também a evidência da distribuição de intensidade das formas.



- (2.3) No norte da Alemanha, o pronome para a primeira pessoa do plural (“nos”) é *us*; no sul, a forma do mesmo pronome é *uns*. O mapa abaixo apresenta uma parte da fronteira entre as zonas onde as duas formas predominavam no início do século XX, ao longo do vale do rio Reno.

Explique por que a fronteira delimitada pela isoglossa exibe uma forma tão curiosa.



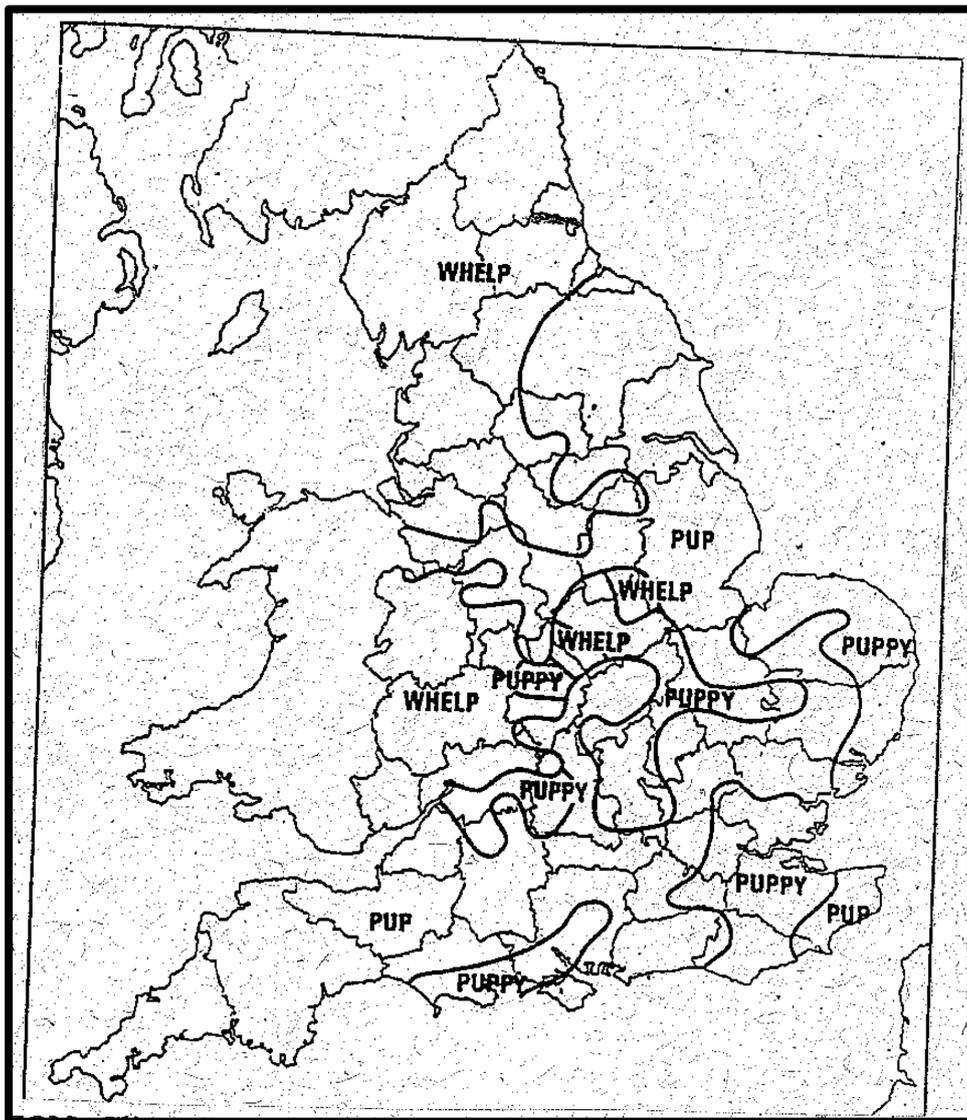
(2.4) O mapa abaixo exhibe as principais divisões regionais entre as palavras que designam o filhote de cachorro nas variedades do inglês faladas na Inglaterra.

As etimologias dos três termos apresentados no mapa são:

*whelp* (< inglês antigo, *hwelp*) – palavra germânica de longa data e origem desconhecida; cognato de saxônico antigo *hwelp*, norreno *hvelpr*, holandês *welp*, alemão *hwelf*.

*puppy* (< francês médio *poupée* [pu'pe.ə] “boneca”) – extensão metafórica do final do séc. XVI (primeira atestação em 1590) em que o termo passou a referir-se aos cachorrinhos de estimação das damas.

*pup* – abreviação de *puppy*, atestado com referência ao cachorro jovem pela primeira vez em 1773.

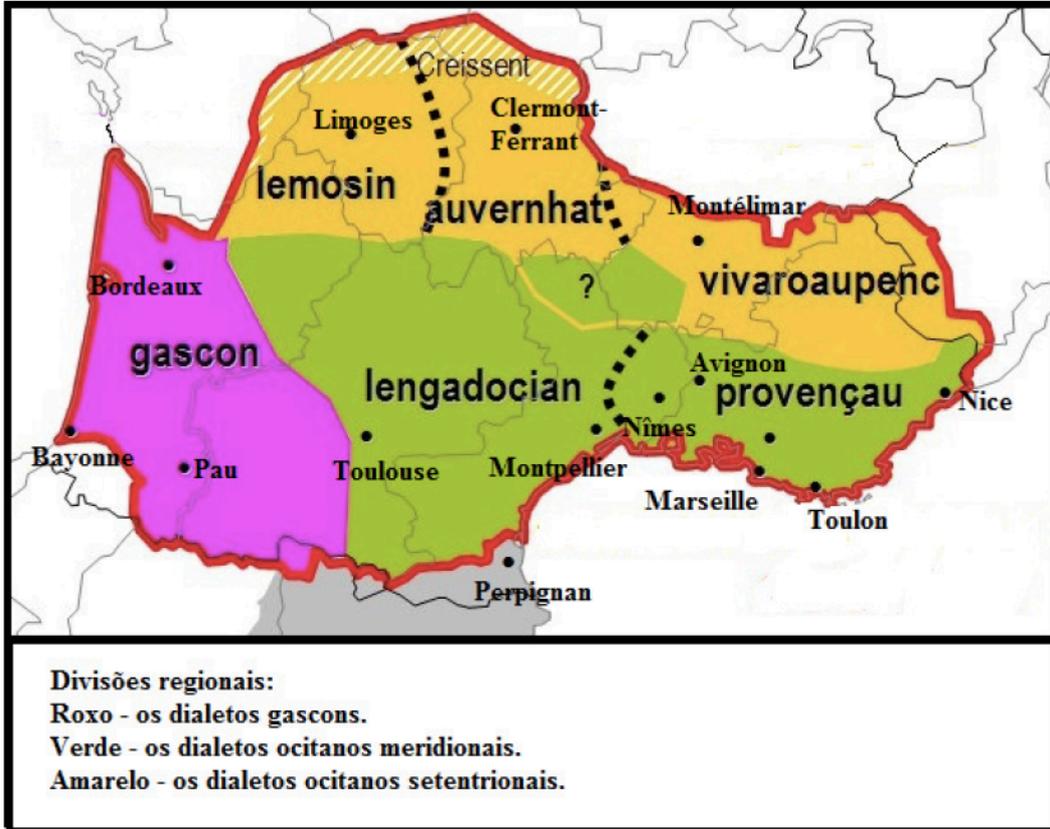


(Tomado de UPTON, Clive, SANDERSON, Stewart & WIDDOWSON, John (1987). *Word Maps: A Dialect Atlas of England*. London: Croom Helm; cit. TRASK, R. L. (1996). *Historical Linguistics*. London: Arnold & New York: Oxford University Press, p. 197.)

Estude a distribuição dos três termos no mapa e explique o que a natureza da repartição territorial significa para a história de uso de cada termo e os fatores que podiam ter influenciado a expansão e/ou retração das variantes.

(2.5) Examine os dois mapas abaixo. O primeiro apresenta as principais divisões dialetais regionais e sub-regionais dentro do occitano e o segundo apresenta a topografia do país e as principais cidades regionais. Compare as fronteiras linguísticas nos mapas 1 e 2 com a topografia no mapa de relevo da mesma região, explique por que as fronteiras ocorrem nos lugares em que estão.

(1)



(2)



- (2.6) Explique este mapa da distribuição geográfica das variantes do pretérito do verbo *to see* em Inglês em termos de mudanças difundindo-se por meio de ondas. Leve os seguintes fatos adicionais em consideração:
- (a) Na variedade padrão do inglês britânico, o paradigma verbal é *to see* (inf.) – *see(s)* (pres.) – *saw* (pret.) – *seen* (part.).
  - (b) No inglês, o sufixo do pretérito nos verbos regulares é *-ed*, p. ex., *to jump X jumped*, etc.
  - (c) Alguns verbos em inglês apresentam a mesma forma para os três tempos, p. ex., *to put – put(s) – put* (presente, pretérito e particípio).
  - (d) Um outro grupo de verbos exibe a mesma forma no pretérito e no particípio, enquanto o presente é distinto, p. ex., *to sit* (inf.) – *sit(s)* (presente) – *sat* (pretérito) – *sat* (particípio).

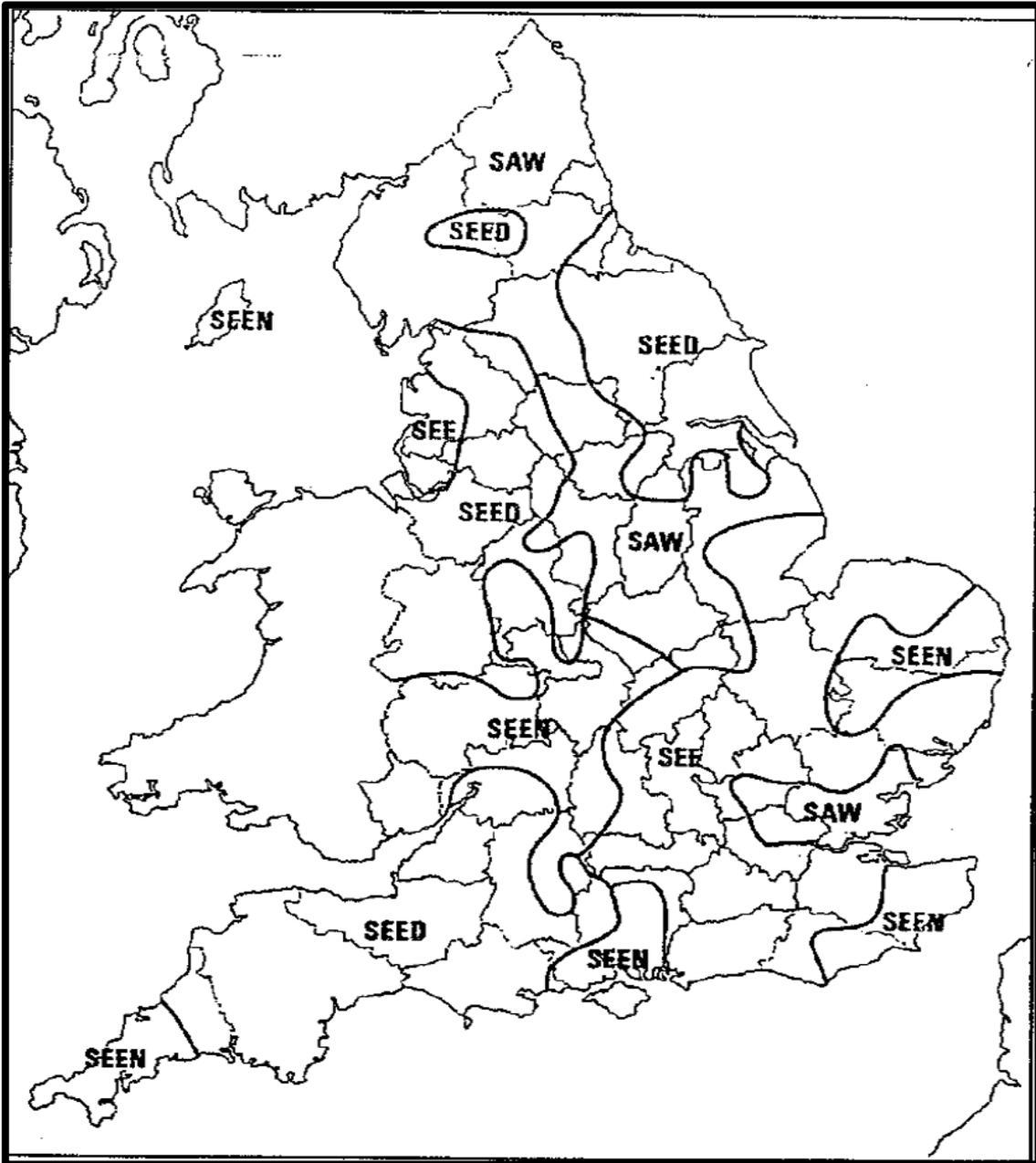


Fig. 7.2. Mapa do tempo passado em inglês do verbo "to see" (fonte: Upton *et al.*, 1987: mapa 139).